

Índios contra sem-terra a apenas 50 km de Brasília

Guerreiros da tribo Funiô ameaçam trabalhadores rurais que ocuparam área no condomínio em Brazlândia

Leonardo Cavalcanti
Da equipe do Correio

“**H**á dois anos eu e o líder pataxó Galdino procurávamos um lugar para construirmos um local próprio para o índio, onde ele pudesse ficar amparado enquanto estivesse em Brasília. Depois de algum tempo combinamos que o local seria este aqui”. Assim, com esse argumento, o pajé Tarfiá e mais 10 índios da tribo Funiô invadiram, ontem, uma área do Condomínio Morada dos Pássaros, em Brazlândia.

Logo no início da manhã, quando chegaram ao local, para surpresa dos índios, o terreno já estava ocupado por militantes do Movimento Brasileiro dos Sem-Terra (MBST). A ameaça de conflito entre os dois grupos só foi afastada no começo da tarde com a chegada de diretores da Fundação Nacional do Índio (Funai).

O pajé Tarfiá deixou o local prometendo voltar na próxima quarta-feira, com mais 150 índios. “Agora, eles são muitos e não vamos ficar aqui. Mas em 72 horas reuniremos mais gente e voltaremos para o terreno”.

Os índios da tribo Funiô, localizada no município de Águas Belas, a 280 quilômetros de Recife (PE), chegaram em Brasília no sábado para celebrar um ano da morte do índio Galdino Jesus dos Santos, queimado por adolescentes na W3 Sul, no dia 19 de abril do ano passado.

“Enquanto estava no Memorial do Galdino lembrei-me das nossas andanças e do local combinado e marquei com os outros índios da tribo que estavam na celebração”, dis-

se Tarfiá, 39 anos, que sabia antecipadamente que a área escolhida para a construção do que ele chamou de “Casa do Índio” pertencia ao governo federal.

IRONIA

Logo na chegada dos índios ao Condomínio, o confronto com os sem-terra foi estabelecido e a polícia militar foi chamada por um morador vizinho. “Eles não podem sair assim invadindo o nosso lugar”, disse Nicinho Alves, presidente do MBST, que ironicamente invadiu o mesmo terreno em setembro de 1997.

Liderados por Nicinho, cerca de 100 pessoas ameaçavam expulsar os índios de qualquer forma. “Eles estão querendo guerra. Não podem sair de Pernambuco, invadir o nosso lugar, onde moramos com a nossa família, e ficar por isso mesmo”, reagiu Nicinho. Os índios, por sua vez, mostravam os arcos e flechas sagrados — que, em tese, não devem ser usadas em brigas. “Mas se precisar vamos ter que usar armas para a nossa proteção”, revelava o pajé Tarfiá.

Os funcionários da Funai disseram que não foram avisados da invasão. Eles conseguiram retirar os índios com a promessa de que na próxima segunda-feira pela manhã iriam marcar uma reunião com os sem-terra e com os representantes da tribo. “Vamos tentar tirar da cabeça dos índios a idéia de retornar para esse lugar”, disse o diretor de assistência da Funai, Otacílio Antunes.

Os militantes do MBST acusam o funcionário público e presidente Aeroclube de Brasília, Paulo Leal de estar por trás da invasão dos índios.

Joédison Alves



O pajé Tarfiá: “Queremos ter um lugar em Brasília para o nosso povo”

“Ele queria construir um aeroclube aqui e desde então ameaça o nosso pessoal. Uma vez ele disse que nós nunca iríamos conseguir morar aqui”, afirmou Nicinho Alves.

Procurado pelo Correio, Paulo Leal disse não ter nada a ver com a invasão. “Esse pessoal do MBST não passa de grileiros. Fui avisado da in-

vasão no começo da tarde por uma pessoa da Associação Rural da Morada dos Pássaros. Eu não estava sabendo de nada”. Leal e os sem-terra brigam na Justiça pela posse do terreno. O pajé Tarfiá afirmou que não foi instruído por ninguém a invadir o local: “Só queremos ter um lugar para o nosso povo”.